

HUMBERTO D. F. BARATA NETO

Cemitério Municipal de
SÃO JOÃO

CULTURA



Edições
Governo do Estado

Provocado que fui pelo arquiteto e pesquisador Humberto Barata Neto, de tradição de livreiros importantes de Manaus, sobre a arte no cemitério de João Batista, recuperei de memória a leitura antiga de livro do professor Clarival do Prado Valadares sobre arte nos cemitérios brasileiros e as muitas conversas que tive com meu pai, jornalista e líder sindical Lourenço da Silva Braga sobre a arte reunida na capital amazonense por ocasião do período áureo da borracha.

Trata-se do cemitério mais antigo em funcionamento, e herdeiro, por assim dizer, de muitas criptas originárias do Cemitério de São José que ficava diante da praça da Saudade, a mesma cujo nome oficial é

“Cinco de Setembro” e que foi recentemente restaurada atendendo a projeto que desenvolvemos na Secretaria de Cultura do Estado.

Antes de Humberto, Otoni Mesquita havia coordenado pesquisa e feito levantamento fotográfico no cemitério para identificar peças de arte, muitas delas importadas da Europa, e ali depositadas em nome da saudade, e como homenagem aos falecidos.

A publicação que ora se faz não encerra este projeto. Vamos continuá-lo em pelo menos duas etapas mais: registro aerofotogramétrico das peças de arte; e, posterior reabilitação, claro que com a devida permissão das famílias envolvidas, ou, se for o caso, mediante ato legal permissivo. O mapeamento está feito e o Governo do estado por meio da secretaria de Estado da Cultura e particularmente de seu Departamento de Patrimônio Histórico, incorpora importante trabalho de pesquisa e estudo de Humberto Barata, por méritos que lhe cabem e não podem deixar de ser proclamados.

E há peças de pedra e de mármore, de caráter histórico, como as que homenageiam políticos, intelectuais, comerciantes, senhoras, santos populares, mártires que o povo venera, enfim, a razão de ser para este registro está no valor artístico da peça. Por isso a escolha. E são centenas. Verdadeira galeria de arte a céu aberto de que nos fala o autor logo na primeira página do trabalho, em que sobressaem técnicas e práticas construtivas nem sempre bem conhecidas dos dias correntes.

As edições Governo do Estado são enriquecidas com trabalhos deste teor. Este vai servir para despertar novo interesse em artistas e pesquisadores sobre tais peças silenciosamente contidas no território do cemitério e que passam a ser mais conhecidas com este estudo que é apenas o começo de longo trabalho.

Robério Braga





Cemitério Municipal de
SÃO JOÃO



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

GOVERNADOR DO AMAZONAS
Omar Aziz

VICE-GOVERNADOR DO AMAZONAS
José Melo

SECRETÁRIO DE ESTADO DE CULTURA
Robério Braga

SECRETARIA-EXECUTIVA
Elizabeth Cantanhede
Mimosa Paiva

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE LITERATURA
Antônio Ausier Ramos

CULTURA
Secretaria de Estado

Av. Sete de Setembro, 1546
69005-141 – Manaus-AM-Brasil
Tels.: (92) 3633-2850 / 3633-3041 / 3633-1357
Fax.: (92) 3233-9973
E-mail: cultura@culturaamazonas.am.gov.br
www.culturaamazonas.am.gov.br

Humberto D. F. Barata Neto

Cemitério Municipal de
SÃO JOÃO

CULTURA



Edições
Governo do Estado

Copyright © Secretaria de Estado de Cultura, 2012

Coordenação Editorial
ANTÔNIO AUSIER RAMOS

Capa
ROBERTO LIMA

Fotografia da capa
GONZALO RENATO NÚÑEZ MELGAR

Projeto Gráfico e Diagramação
GRÁFICA ZILÓ LTDA

Revisão
SERGIO LUIZ PEREIRA

Normalização
EDIANA PALMA

Catálogo da Fonte

B226c Barata Neto, Humberto D. F.

Cemitério Municipal de São João / Humberto D. F. Barata Neto. – Manaus: Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Estado de Cultura, 2012.


40p. : il. ; 14x21cm.

ISBN 978-85-65409-21-6.

1. História – Cemitério – Manaus. 2. Patrimônio público.
I. Título.

CDD 981.13

CDU 94(811.3):351.71



Somos um Amazonas cheio de orgulho da nossa gente, de nossas raízes, de nossa extraordinária vida cultural. Cada vez mais vamos investir no grande potencial da nossa cultura, na capital e no interior, com o foco na geração de oportunidades para novos talentos.

Omar Aziz

Mensagem proferida pelo governador Omar Aziz À Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas em fevereiro de 2011.

SUMÁRIO

Apresentação	9
Introdução	11
Conceituação	15
Histórico – Cidade	17
Histórico – Bairro	19
Acervo	21
Mapa de Situação	28
Acervo de Sepulturas Históricas	29
Técnicas Construtivas	30
Pó de Pedra	30
Escaiola com Marmorizado	30
Técnicas de Fundição	31
Cruzes e Gradil em Ferro Fundido	31
Estilos Arquitetônicos	32
Arquitetura Kitsch	32
Memória Social	33
Personalidades	33
Arte social e histórica	34
Esculturas	34
Santos Urbanos	37
Ária Ramos	37
Cristina Anuar Nabalssy	38



Delmo Campelo Pereira
Etelvina d'Alencar – Santa Etelvina
Shalom Emanuel Moyal (“santo” judeu)

38
39
39

Referências

41

APRESENTAÇÃO

Provocado que fui pelo arquiteto e pesquisador Humberto Barata Neto, de tradição de livreiros importantes de Manaus, sobre a arte no cemitério de João Baptista, recuperei de memória a leitura antiga de livro do professor Clarival do Prado Valadares sobre arte nos cemitérios brasileiros e as muitas conversas que tive com meu pai, jornalista e líder sindical Lourenço da Silva Braga sobre a arte reunida na capital amazonense por ocasião do período áureo da borracha.

Trata-se do cemitério mais antigo em funcionamento, e herdeiro, por assim dizer, de muitas criptas originárias do cemitério de São José que ficava diante da praça da Saudade, a mesma cujo nome oficial é “Cinco de Setembro” e que foi recentemente restaurada atendendo a projeto que desenvolvemos na Secretaria de Cultura do Estado.

Antes de Humberto, Otoni Mesquita havia coordenado pesquisa e feito levantamento fotográfico no cemitério para identificar peças de arte, muitas delas importadas da Europa, e ali depositadas em nome da saudade e como homenagem aos falecidos.

A publicação que ora se faz não encerra este projeto. Vamos continuá-lo em pelo menos duas etapas mais: registro aerofotogramétrico das peças de arte; e, posterior reabilitação, claro que com a devida permissão das famílias envolvidas, ou, se for o caso, mediante ato legal permissivo. O mapeamento está feito e o Governo do Estado por meio da Secretaria de Estado da Cultura e particularmente de seu Departamento de Patrimônio Histórico, incorpora importante trabalho de pesquisa e estudo de Humberto Barata, por méritos que lhe cabem e não podem deixar de ser proclamados.

E há peças de pedra e de mármore de caráter histórico, como as que homenageiam políticos, intelectuais, comerciantes, senhoras, santos populares, mártires que o povo venera, enfim, a razão de ser para este registro está no valor artístico da peça. Por isso a escolha. E são centenas. Verdadeira galeria de arte a céu aberto de que nos fala o autor logo na primeira página do trabalho, em que sobressaem técnicas e práticas construtivas nem sempre bem conhecidas dos dias correntes.

As Edições Governo do Estado são enriquecidas com trabalhos deste teor. Este vai servir para despertar novo interesse em artistas e



pesquisadores sobre tais peças silenciosamente contidas no território do cemitério e que passam a ser mais conhecidas com este estudo que é apenas o começo de longo trabalho.

Robério Braga

INTRODUÇÃO

Apesar da aparência muitas vezes triste, os cemitérios, principalmente os mais antigos, escondem ricas surpresas para quem se dispõe a procurar. Alguns constituem verdadeiras galerias de arte a céu aberto, abrigando peças e esculturas de artistas famosos. Em países como a França (Père-Lachaise) e Argentina (La Recoleta), alguns cemitérios são pontos turísticos, atraindo viajantes do mundo inteiro. Isso se deve ao fato de esses cemitérios abrigarem personalidades ilustres, que fizeram história nas artes ou na política. Mas é a arte tumulária, presente nesses cemitérios, que contribui para sua fama.

No Brasil, encontramos também exemplos magníficos de arte tumulária (Cemitério da Consolação – São Paulo); entretanto, ao contrário do que ocorre em outros países, são poucos os que percorrem os cemitérios brasileiros para visitação de túmulos de pessoas ilustres ou que saibam apreciar as obras de arte que esses cemitérios escondem.

Muitos dos jazigos presentes nesses cemitérios foram feitos por artistas e arquitetos (nacionais e estrangeiros) e muitas das vezes com materiais e técnicas construtivas importadas e atualmente já esquecidas.



Precisamos mudar a atual relação que a população tem com os cemitérios: de tristeza, dor, sofrimento, perda... para uma nova: de aprendizado, cultura, conhecimento, história, arquitetura... vida.

As origens das relações entre vivos e mortos sofrem uma proximidade e dependência tão grande que, muitas das vezes, não se consegue afirmar quem chegou primeiro (se os vivos ou os mortos), tendo ambos contribuído para o processo de urbanização de inúmeras cidades.

Tal fato foi descrito por Cymbalista (2002), durante a fundação de cidades paulistas como Itu e Campinas, onde a presença dos mortos foi pressuposto para o estabelecimento de um núcleo urbano, sendo o local físico – o cemitério – o marco para a construção de uma capela e, a partir daí, o crescimento do núcleo urbano. O historiador Lewis Mumford afirma ser a cidade dos mortos “a precursora, quase o núcleo, de todas as cidades vivas”.

A relação entre vivos e mortos na Província de São Paulo, no período colonial, se deu dessa forma: desde as capelas erigidas sobre os cemitérios bentos às irmandades que se ocupavam do sepultamento de seus membros, da opulência dos sepultamentos barrocos à invisibilidade da morte de tantos, os mortos eram parte da ordem urbana tanto quanto os vivos.

A partir do século 19, surge uma mudança na relação entre vivos e mortos. Por motivos sanitários, os cemitérios deveriam estar localizados distantes dos centros urbanos, logo os mortos, ou seja, a relação com os mortos, torna-se pesadosa e arriscada, sendo esse período, de rearranjos e negociações em torno do significado e da espacialidade que os vivos atribuiriam aos mortos (Loureiro, 1976).

Com a criação dos cemitérios extramuros e sepultamentos nesses cemitérios, a sociedade voltou-se para uma nova forma de expressar o sentimento em relação aos entes queridos, surge a necessidade da edificação fúnebre.

Nesse contexto, a arquitetura é explorada em toda sua potencialidade a fim de representar a morte e os mortos. Cada túmulo assume características e identidades próprias, dependendo da riqueza disponível, a importância afetiva ou social do morto, o repertório formal e estilístico disponível localmente, a escolha de materiais e a necessidade ou vontade de evocar o espaço sagrado. A somatória no espaço e o acúmulo no tempo dessas inúmeras escolhas produzem a paisagem do cemitério. Segundo Saramago (1997), “em alguma coisa,

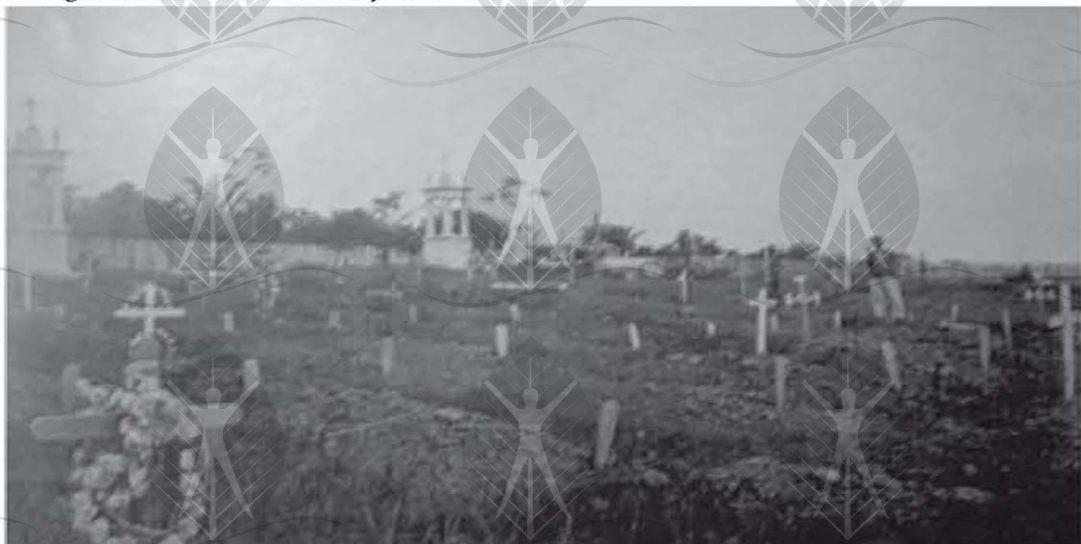
no entanto, historiadores, críticos de arte e arqueólogos reconhecem estar em consonância, o fato evidente de o cemitério geral ser um catálogo perfeito, mostruário, um resumo de todos os estilos, sobretudo de arquitetura, escultura e decoração, e, portanto, um inventário de todos os modos de ver, estar e habitar existentes até hoje”. Após nos aproximarmos dos aspectos simbólicos e sociais das relações entre os vivos e os mortos, seria interessante que pudéssemos perceber como se dá a questão do patrimônio construído ou não, gerada por essas relações.

Para Mattar (2002), a questão do Patrimônio Histórico perpassa diversos setores da sociedade, trazendo ao debate seu papel na contemporaneidade. O conjunto do Patrimônio Histórico engloba todos os bens culturais que possuem representatividade para a história e a identidade da sociedade, quer seja por sua exemplaridade, quer por sua singularidade. A evolução do conceito de Patrimônio Histórico, ao longo do tempo, vem acompanhada de uma busca de identidade do homem urbano em meio à avalanche de informações dos mais variados setores e dos mais variados matizes, sendo essa busca responsável pela retirada do homem moderno do seu sentido de pertencimento.

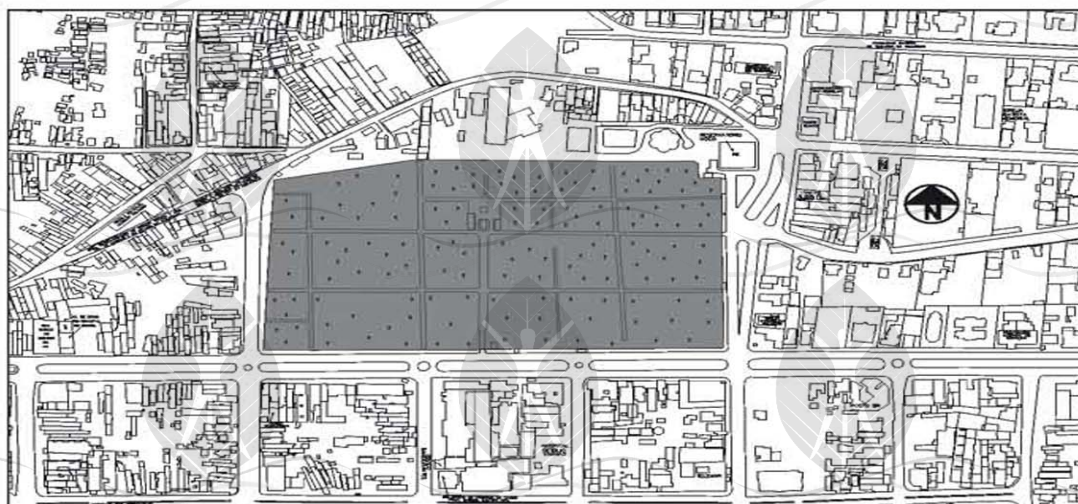
Na busca de identidade, o homem recorre, inicialmente, ao patrimônio material no qual se inserem os bens edificados e os objetos que tiveram significado na formação de sua identidade cultural. Num segundo momento, busca-se o resgate do intangível, o patrimônio imaterial, no qual se inserem as festas, as celebrações, os lugares e os saberes que fazem parte de nossa formação cultural e que, de alguma forma, encontram-se latentes no inconsciente coletivo. Por isso o resgate dessa história é fundamental, não só sob o aspecto cultural como por sua função social.

Os cemitérios mais antigos em Manaus estão intimamente relacionados à sua história e à identidade cultural de seus habitantes. A relação que o Cemitério Municipal de São João tem com a identidade cultural do bairro e seu entorno é tão profunda e significativa, que ao contrário do que aconteceu ao antigo Cemitério de São José, perdura até hoje, sendo seu conjunto arquitetônico e paisagístico referência para o bairro de Adrianópolis e símbolo da história e da memória coletiva da cidade de Manaus.

Antigo Cemitério de São Raymundo – AM, 1901.



Cemitério Municipal de São João – Alto do Mocê – AM, 1901.



Mapa de Localização

CONCEITUAÇÃO

A palavra “cemitério” (do latim tardio *coemeterium*, derivado do grego κοιμητήριον [kimitírion], a partir do verbo κοιμάω [kimáo] “pôr a jazer” ou “fazer deitar”) foi dada pelos primeiros cristãos aos terrenos destinados à sepultura de seus mortos.

Os cemitérios podem nos dar valiosas informações, sendo uma fonte histórica para preservação da memória familiar e coletiva; uma fonte de estudo das crenças religiosas; uma forma de expressão do gosto artístico; uma forma de expressão da ideologia política; uma forma de preservação do patrimônio histórico; uma fonte para conhecer a formação étnica; uma fonte para o estudo da genealogia; uma fonte reveladora da perspectiva de vida etc.

Essas informações são obtidas por meio da análise de epitáfios, de fotos tumulares, das simbologias contidas nas obras funerárias e da expressão artística dos monumentos e mausoléus.

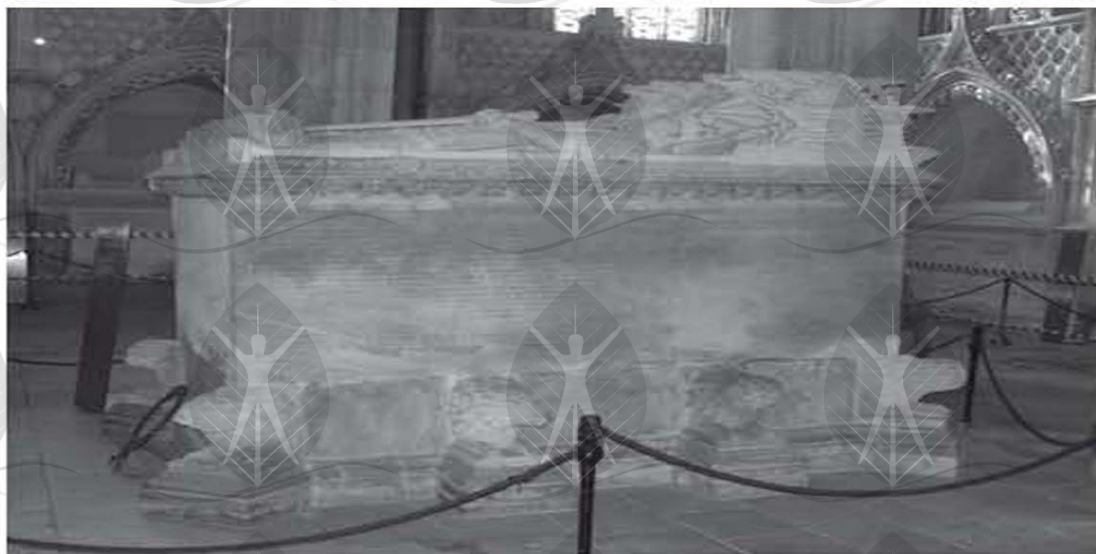
No final do século 17, por medidas sanitárias, os sepultamentos passam a realizar-se em área aberta, nos chamados campos-santos ou cemitérios secularizados.

A urbanização acelerada e o crescimento das cidades contribuíram para a criação de cemitérios a céu aberto, uma vez que o crescimento populacional desenfreado não permitia mais o sepultamento em capelas e igrejas, que já não davam conta da demanda.

A simplicidade dos padrões tradicionais e primitivos continuou caracterizando a sepultura coletiva enquanto a monumentalidade da tumulária individual se desenvolveu espantosamente.

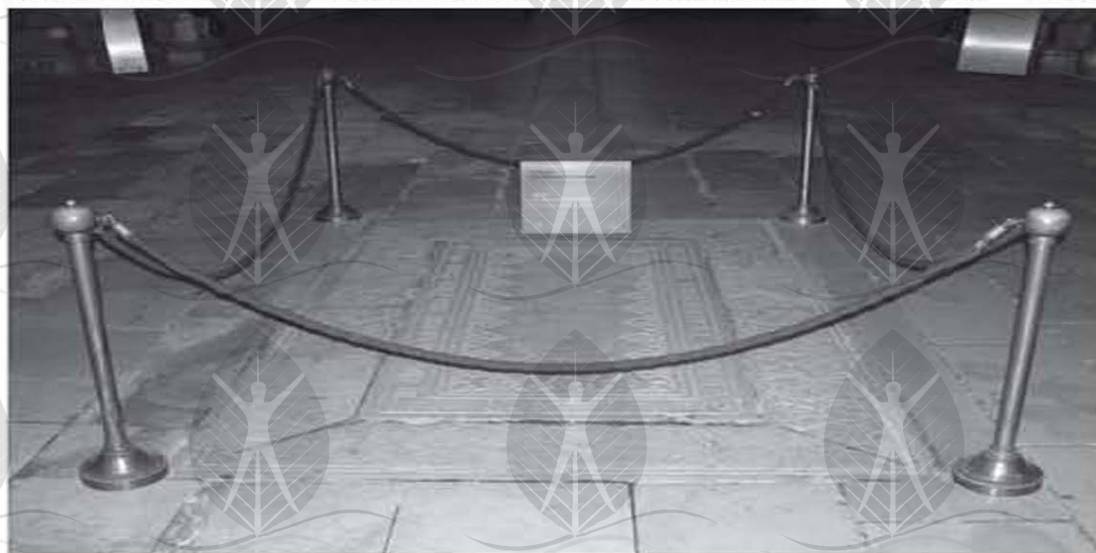
Os túmulos monumentais de papas e nobres eram integrados à construção da igreja (Figura 1). Em outros casos, igrejas eram construídas como bem público, integradas ao uso coletivo, e nelas se faziam as sepulturas de seus doadores e benfeitores. Em muitas delas, originalmente erigidas para serem os túmulos de seus doadores, esses descansam sob lápides que muitas das vezes não ultrapassam o nível do chão (Figura 2).

Figura 1. Panteão de D. João I da Dinastia de Avis, Mosteiro da Batalha – Portugal.



Fonte: O autor/2007.

Figura 2. Túmulo de Mateus Fernandes, arquiteto do Mosteiro da Batalha – Portugal.



Fonte: O autor/2007.

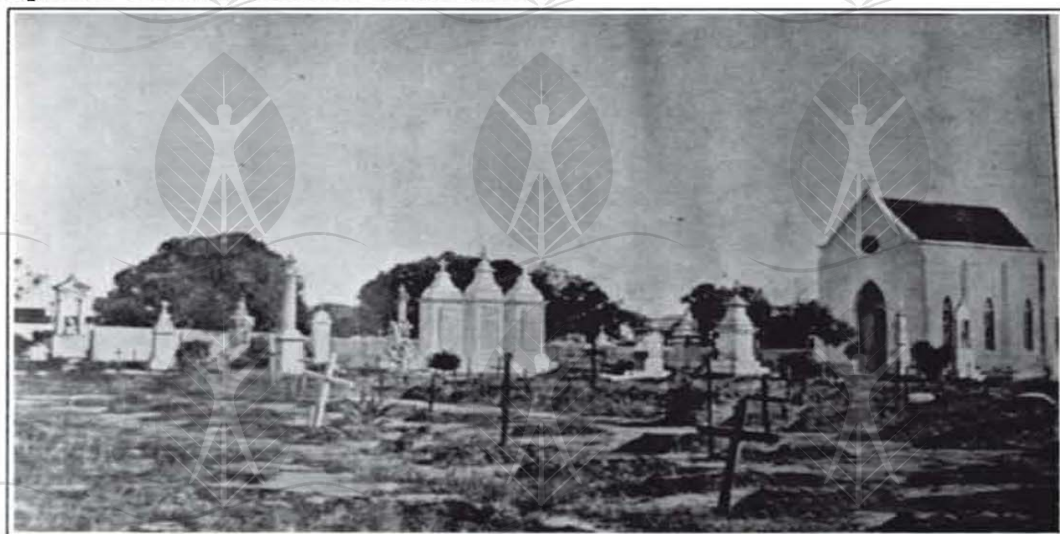
HISTÓRICO – CIDADE

A importância histórica do Cemitério Municipal de São João estende-se além do limite físico dos muros, envolvendo-se intimamente com a história da evolução da cidade de Manaus.

O Cemitério de São José (Figura 3), anterior ao de São João, foi aberto em sessão da Câmara Municipal a 18 de março de 1856 por seu presidente Manoel Thomaz Pinto e estava situado ao lado ocidental da estrada Epaminondas, em frente à praça 5 de Setembro, atual praça da Saudade, ocupando uma área de 8.301,60 m², fechado com muro de alvenaria de pedra, com gradil e portão de ferro na face oriental, limitado ao norte pelo beco dos Inocentes, ao sul pela rua Ramos Ferreira, a leste pela estrada Epaminondas e a oeste pela rua Luiz Antony, praticamente no limite entre zona urbana (concentrada mais abaixo, às margens do rio Negro) e a zona rural. Foi criado para atender o estado epidêmico de febre amarela na capital, que não tinha lugar adequado para enterrar as vítimas (*Relatório da Comissão Organizadora do Tombo dos Próprios do Município*, 1922).

Como uma cidade medieval, Manaus foi expandindo seus limites por meio das muralhas invisíveis do desenvolvimento urbano e, como consequência, o Cemitério de São José passa a localizar-se praticamente no centro da cidade. Por questões sanitárias, é desativado pelo então governador Eduardo Gonçalves Ribeiro, pelo Decreto n.º 95, de 2 de abril de 1891, que proibia os enterramentos nos cemitérios até então existentes (Cemitérios de São José e de São Raymundo).

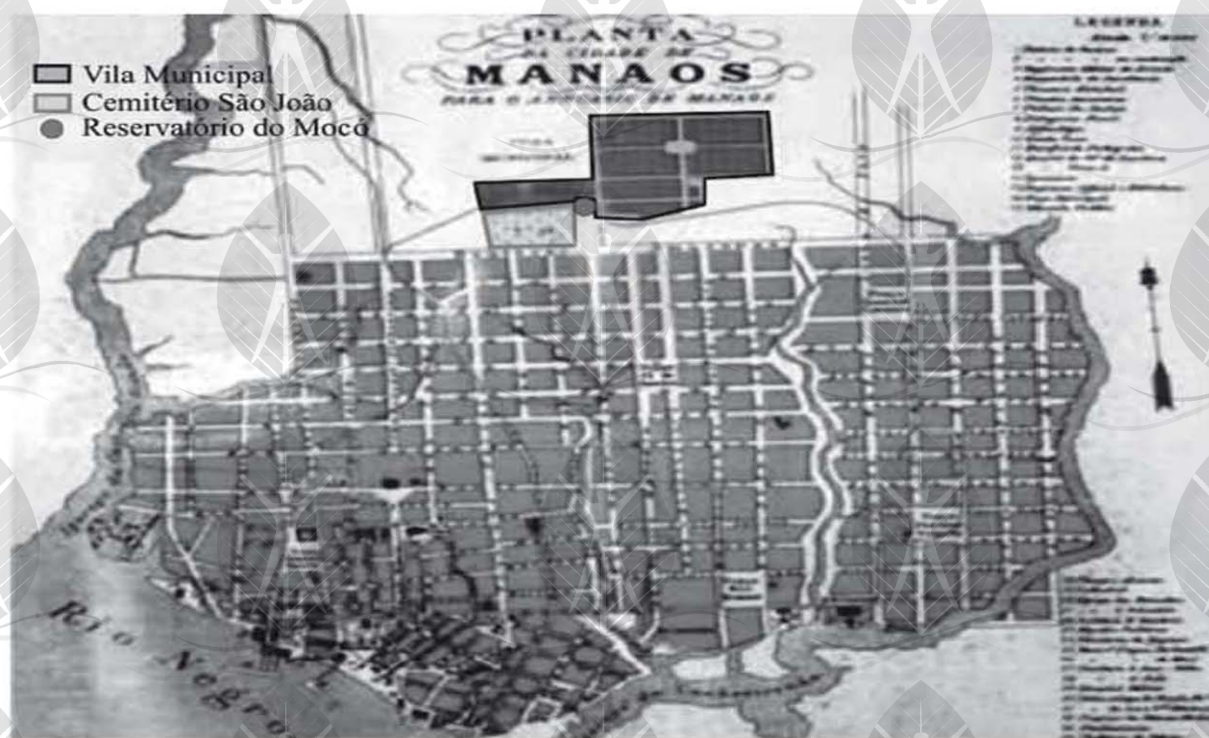
Figura 3. Vista do Cemitério de São José.



Fonte: Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas – IGHA.

Surge então o Cemitério Municipal de São João, inaugurado em sessão solene do dia 5 de abril de 1891, às 16 horas. Localizado nos Altos do Mocó (Figura 4), bairro de Adrianópolis (Vila Municipal), em terrenos que foram comprados pelo poder público municipal dos herdeiros do capitão de mar e guerra Nuno Alves Pereira de Mello Cardoso, em 1890 e 1903, que se limita ao norte com o Pico das Águas, a leste com a avenida Major Gabriel, ao sul com a avenida Senador Álvaro Maia e a oeste com terrenos particulares, ocupando uma área de 92.160 m², fechados por um muro de alvenaria de pedra e tijolo, com gradil e portões de ferro (*Relatório da Comissão Organizadora do Tombo dos Próprios do Município*, 1922).

Figura 4. Localização do Cemitério Municipal de São João.



Fonte: Museu da Imagem e do Som do Amazonas – Misam.

Os mesmos fatos referentes à localização inicial do Cemitério de São José e o crescimento da cidade acabam por repetir-se com o Cemitério Municipal de São João, sendo que este não foi desativado.

Por conta de sua localização privilegiada, o Cemitério Municipal de São João acabou por transformar-se em um cemitério “elitizado”, abrigando dessa forma os restos mortais dos vultos mais ilustres da nossa sociedade, daí a riqueza e a opulência da arte tumulária lá existente.

HISTÓRICO – BAIRRO

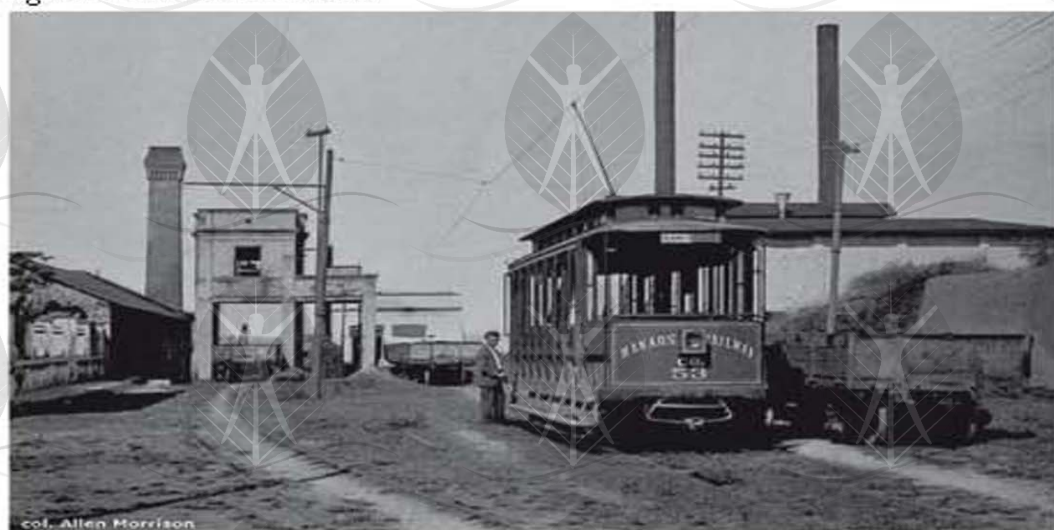
O bairro de Adrianópolis tem sua origem relacionada a pequenas vilas agrícolas construídas por operários que trabalhavam no centro da cidade. Por essa razão, foi denominado inicialmente de Vila Municipal. Surge no início do século passado, tendo como habitantes a classe média alta da época. Era um lugar aprazível, com árvores frondosas e suas ruas e caminhos de terra batida. Mais tarde recebeu o nome Adrianópolis em homenagem ao ilustre médico Dr. Adriano Jorge.

Duas praças marcam a arquitetura do bairro de Adrianópolis. A primeira é a praça Chile em frente ao Cemitério Municipal de São João e a segunda e mais importante do bairro é a praça Nossa Senhora de Nazaré, antiga praça da Vila, inaugurada em 1942, onde funcionava o Ponto Final dos Bondes (Figura 5) que circulavam no percurso do bairro da Cachoeirinha. Durante vários anos o lugar era frequentado por famílias que ali vinham para passear a pé ou de charrete.

Temos ainda nessas proximidades o Reservatório do Mocó (Figura 6), obra magnífica em estilo neorrenascentista, iniciada na administração de Eduardo Ribeiro e concluída em 1897, na administração de José Cardoso Ramalho Júnior. Composta de uma grande estrutura de ferro camuflada por fachadas em alvenaria e pedras “jacaré”, foi tombado em 1980 pelo governo estadual e em 1995 pelo governo federal. Ainda hoje abastece parte da cidade de Manaus.

Outra construção que se destaca bastante é o “Castelinho” (Figura 7), exemplo de “arquitetura de catálogo”.

Figura 5. Bondes de Manaus.



Fonte: Col. Allen Morrison.

Figura 6. Reservatório do Mocó.



Fonte: O autor/2006.

Figura 7. Castelinho.



Fonte: O autor/2006.

O conjunto arquitetônico do Cemitério Municipal de São João foi tombado pelo Estado em 16 de junho de 1988, pelo Decreto Lei n.º 11.198.

Desde então, nada mais foi feito no sentido de preservar esse belíssimo conjunto, cujo valor histórico, estético, artístico, cultural e arquitetônico é inestimável:

- Ossuário (Figura 8) e túmulos (Figura 9) remanescentes do Cemitério de São José, constituídos em sua grande maioria de esculturas belíssimas, esculpidas em mármore e granito português;
- Os livros antigos de registro de sepultamento e perpetuação de sepulturas (Figura 10), atualmente em estado lastimável de degradação;
- Os gradis e pórticos de entrada em ferro fundido confeccionados pela Fundação de Walter MacFarlane, de Glasgow, Escócia;
- A capela em estilo neogótico (Figura 11), um dos três únicos exemplares desse estilo arquitetônico existente na cidade, com seus vitrais franceses (Figura 12) e pinturas decorativas;
- O antigo Necrotério construído em meados da década de 1950 (Figura 13);

Figura 8. Ossuário do Cemitério São José.



Fonte: O autor/2006.

Figura 9. Túmulos do Cemitério São José.



Fonte: O autor/2006.

Figura 10. Estado dos livros de registro.



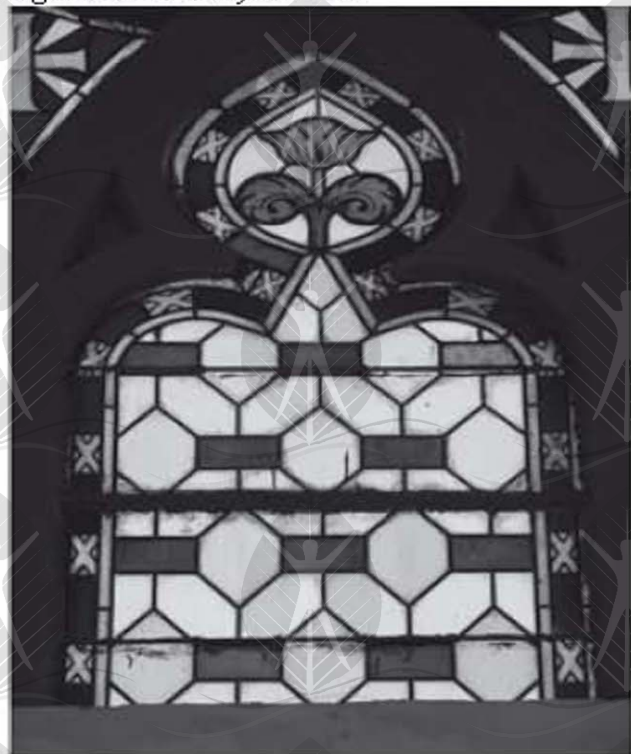
Fonte: O autor/2005.

Figura 11. Capela estilo neogótico.



Fonte: O autor/2005.

Figura 12. Vitrais franceses.



Fonte: O autor/2005.

Figura 12.a. Placa de Rua Interna do Cemitério.



Fonte: O autor/2006.

Figura 13. Antigo Necrotério.



Fonte: O autor/2005.

Figura 14. Calçadas originais em pedras "jacaré".



Fonte: O autor/2006.

Figura 15. Calçamento original do arruamento.



Fonte: O autor/2006.

- O gradil antigo de alguns túmulos e os ornamentos em forma de cruz de ferro fundido, unidos por rebites e reforçados com anéis de chumbo, anteriores à solda elétrica;
- Túmulos de personalidades que contribuíram para a história e engrandecimento de nosso Estado;
- Os “santos urbanos”, como Ária Ramos, Santa Etelvina, Cristina Anuar Nabalssy, Shalom Emanuel Moyal e Delmo Campelo Pereira. Ignorados pela Igreja Católica, são adorados a céu aberto e têm como características a benemerência ou a morte trágica;
- O antigo prédio da Administração (Figura 16), construído em meados da década de 1930, com seu sino em bronze (Figura 17) e relógio de parede da marca americana Ansonia (Figura 18);
- O antigo carrinho de ferro fundido (Figura 19) utilizado para transporte daqueles a serem inumados, em lastimável estado de abandono em um galpão na Semulsp até inícios do ano de 2008.

Figura 16. Prédio da Administração.



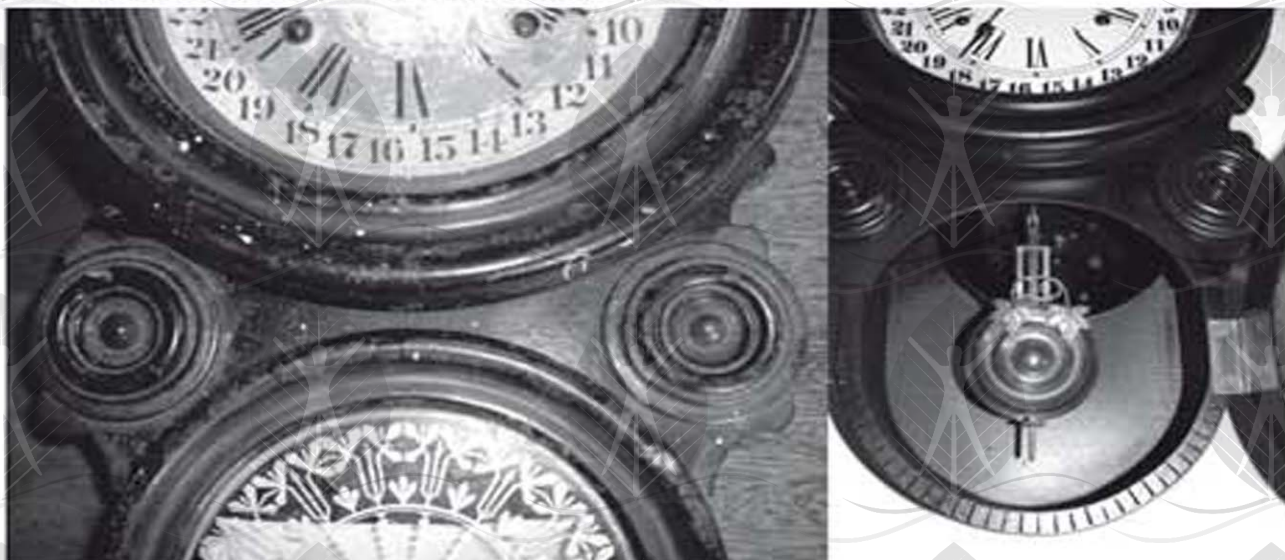
Fonte: O autor/2006.

Figura17. Sino da Administração.



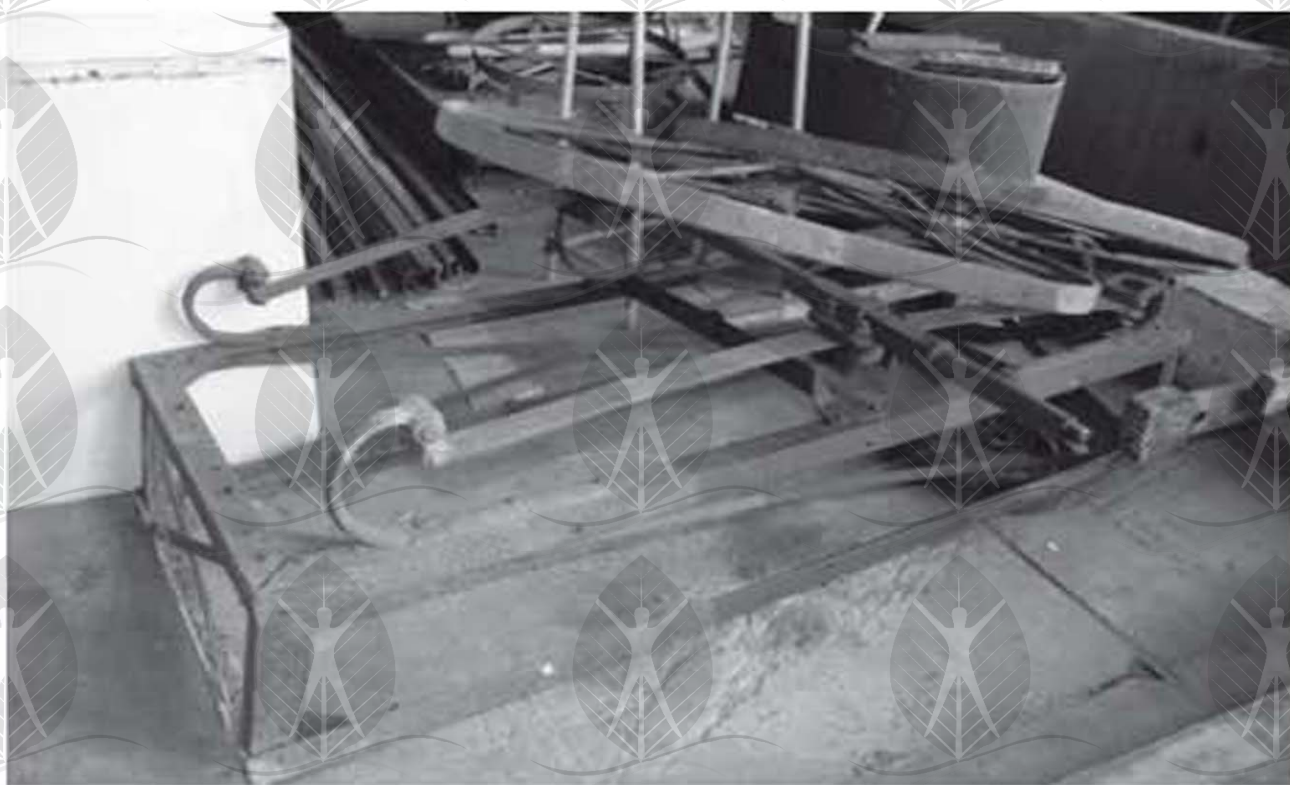
Fonte: O autor/2006.

Figura 18. Relógio Ansonia antes e depois de restaurado.



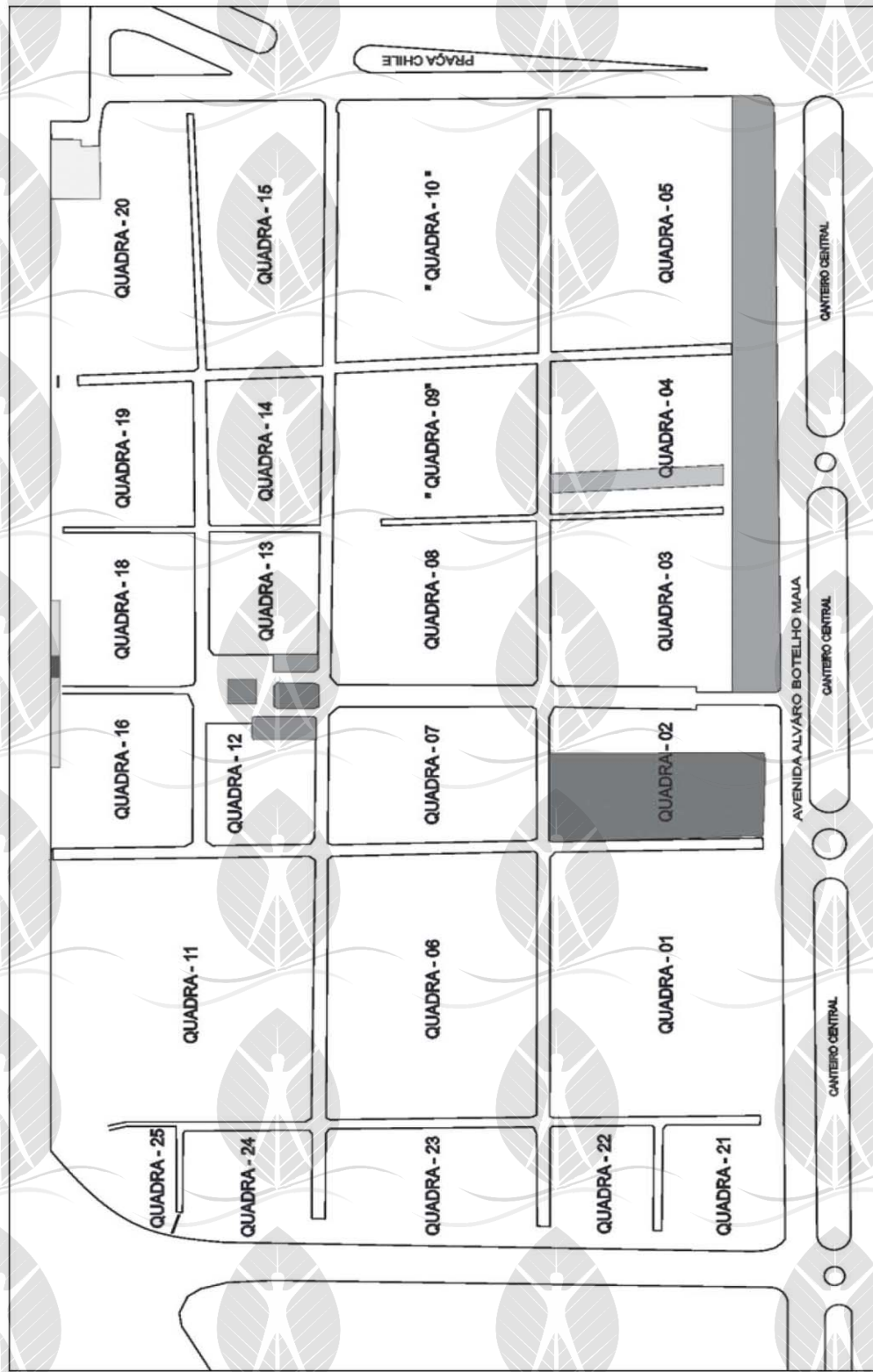
Fonte: O autor/2006.

Figura 19. Carrinho em ferro fundido.



Fonte: O autor/2006.

Mapa de Situação



ACERVO DE SEPULTURAS HISTÓRICAS

O cemitério, espaço que entre tantas apropriações e significados, funciona como um elo que nos remete ao passado, por meio dos que se foram e do modo como ali foram deixados, registra parte da história de uma localidade pela disposição e pelas formas dos túmulos, das inscrições nas lápides, das datas de falecimento, testemunhos mudos, elogios fúnebres de diferentes vidas, que falam do passado e ajudam a pensar o grupo ao qual se dirigem e do qual são produto. É a necrópole o local de diferentes formas de se lidar com aquilo que contará somente como registros, uma vez que o morto pertence ao passado, mas se mantém no presente, por meio das formas como os vivos dão forma à saudade e à ausência. A morte e o lidar com o morto são mais que atos individuais, são acontecimentos ligados a práticas sociais e, estando intrinsecamente relacionados à memória, pelo ato de sepultar e tumularizar, o cemitério, como outros locais, pode ser considerado como “lugar de memória”.

O poder público e a sociedade em geral precisam se conscientizar sobre a beleza e a importância histórica (material e imaterial) que os cemitérios possuem escondidos entre seus muros e lápides, fazendo com que os apreciadores da história, da política, da música, das artes plásticas, da literatura e da arquitetura possam lá encontrar motivos de surpresas e exclamações, transformando-os em espaços turísticos concorridos, contribuindo para a compreensão e perpetuação da nossa cultura e da nossa história.

Se uma comunidade possui história ela passa a ter um valor patrimonial inestimável e singular. Quem tem mais história tem mais cidadania. Patrimônio não é um bem que pertence exclusivamente ao município, ao Estado ou à Federação, e sim a todos nós, cidadãos. Em se tratando de um bem cultural como um cemitério, o respeito à sua preservação torna-se um dever de todos.

“Sepultamento”, obra de Victor Brecheret – Cemitério da Consolação – SP.



Fonte: <http://www.beatrix.pro.br/cultobsc>

TÉCNICAS CONSTRUTIVAS

Pó de Pedra

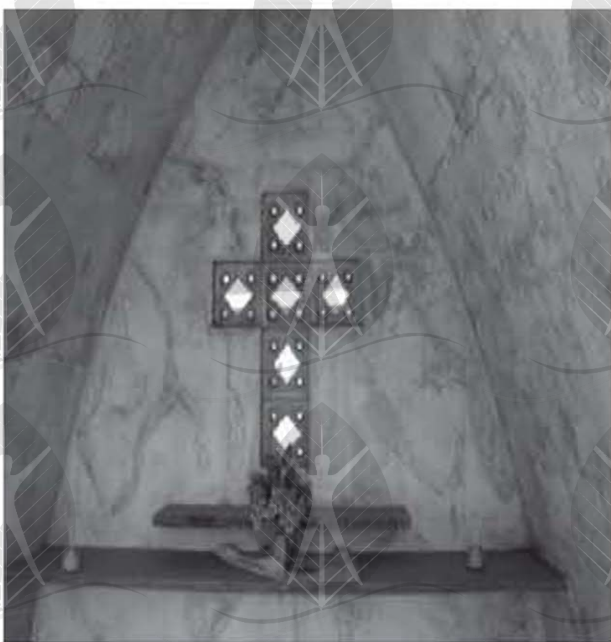


Quadra 6, fila 2, sep. 44



Quadra 8, fila 17, sep. 651

Escaiola com Marmorizado



Quadra 6, fila 15, sep. 683



Quadra 6, fila 18, sep. 788

TÉCNICAS DE FUNDIÇÃO

Cruzes e Gradil em Ferro Fundido (anterior à solda elétrica)



Quadra 11, fila 3, sep. 169



Quadra 2-A, fila 7, sep. 128



Quadra 7, fila 8, sep. 405



Detalhe anel de chumbo

ESTILOS ARQUITETÔNICOS

Arquitetura Kitsch



Quadra 6, fila 30, sep. 1.339



Quadra 6, fila 30, sep. 1.339

MEMÓRIA SOCIAL

Personalidades



Alvaro Maia
Quadra 8, fila 17, sep. 675



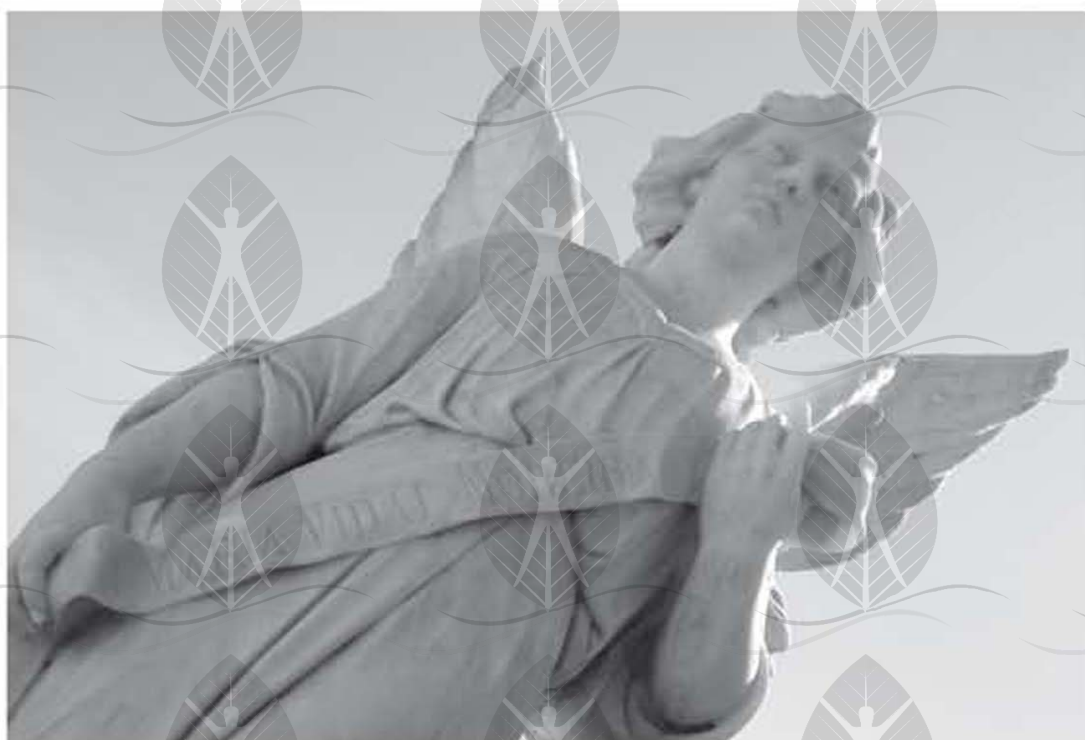
Dr. Adriano Jorge
Quadra 7, fila 19, sep. 955



Eduardo Ribeiro
Quadra 2-A, fila 9, sep. 157

ARTE SOCIAL E HISTÓRICA

Esculturas



Quadra 1, fila 27, sep. 1.211



Quadra 6, fila 14, sep. 593



Quadra 6, fila 4, sep. 134



Quadra 6, fila 5, sep. 193

SANTOS URBANOS

Os “santos urbanos”, ignorados pela Igreja, são adorados a céu aberto e têm como característica a benemerência ou a morte trágica.

O Cemitério Municipal de São João possui cinco “santos urbanos” a saber:

- Ária Ramos;
- Cristina Anuar Nabalssy;
- Delmo Campelo Pereira;
- Etelvina d’Alencar – Santa Etelvina;
- Shalom Emanuel Moyal.

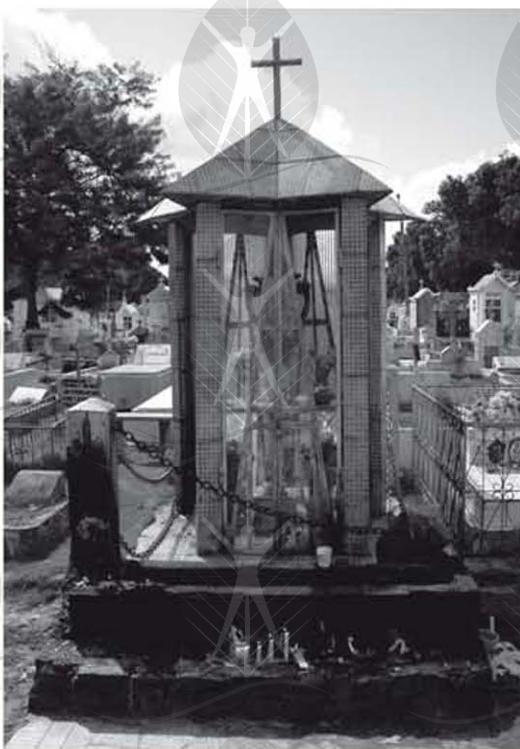
Atualmente, Santa Etelvina, Cristina Anuar Nabalssy e Shalom Emanuel Moyal são os mais visitados pela população para a obtenção de graças.

Ária Ramos



Quadra 5, fila 17, sepultura 616

Cristina Anuar Nabalssy



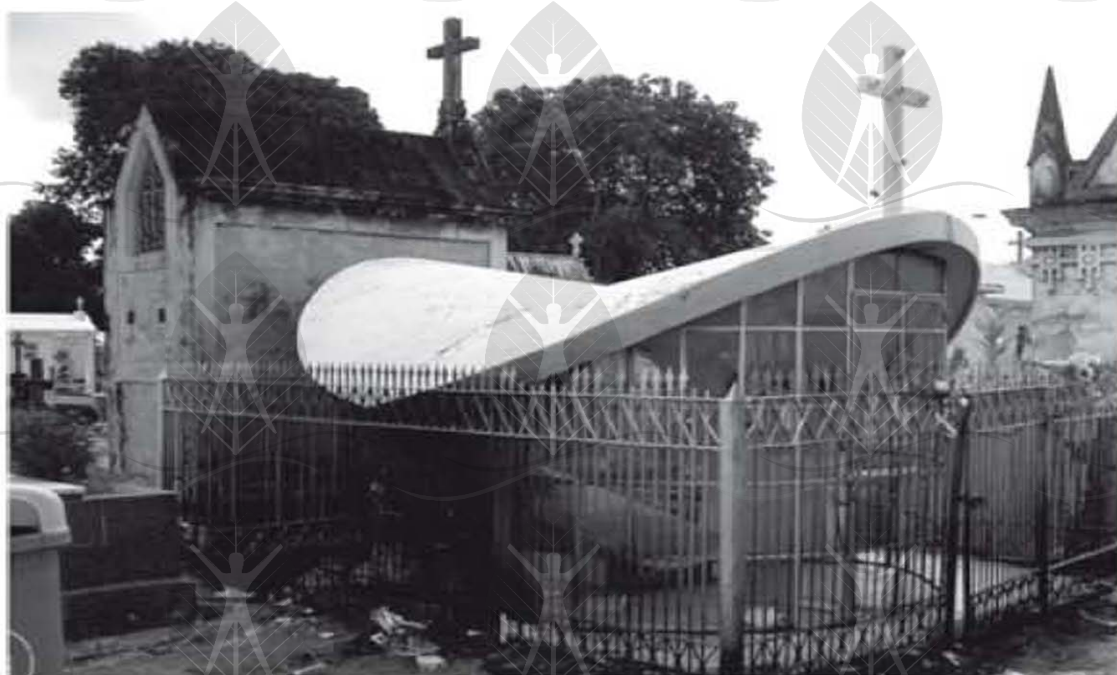
Quadra 13, fila 19, sepultura 460

Delmo Campelo Pereira



Quadra 6, fila 29, sepultura 1.261

Etelvina d'Alencar – Santa Etelvina



Quadra 11, fila 23, sepultura 1.300

Shalom Emanuel Moyal (“santo” judeu)



Quadra 11, fila 21, sepultura 1.207

REFERÊNCIAS

CALDAS, Wallace. *Curso de Introdução às Técnicas de Restauração. Curso de Conservação e Restauo de Bens Imóveis e seus Elementos Aplicados*. Manaus: Instituto Superior de Administração e Economia da Amazônia – Isae, 1997.

CYMBALISTA, Renato. *Cidade dos Vivos: Arquitetura e Atitudes Perante a Morte nos Cemitérios do Estado de São Paulo*. São Paulo: Annablume/Fapespe, 2002.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília: Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Museu Imperial, 1999.

IPHAN, Grupo Tarefa. Programa Monumenta – BID. *Manual de Apresentação de Projetos de Preservação do Patrimônio Cultural*. Brasília: Iphan.

LEONEL, Maria Elisa de Moraes. *Conhecer Para Preservar, Preservar para Conhecer: um Projeto de Educação Patrimonial*. Brasília: Iphan, 1995.

LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. *Origem Histórica dos Cemitérios*. São Paulo: Secretaria de Serviços e Obras da Prefeitura Municipal de São Paulo, 1976.

MESQUITA, Otoni Moreira de. *Manaus: História e Arquitetura – 1852-1910*. 3.^a ed. Manaus: Ed. Valer/Prefeitura de Manaus/Uninorte, 2006.

OLIVEIRA, Péricles Antônio Mattar de. *Patrimônio Histórico – Um Bom Negócio Para Todos*. Disponível em <http://www.culturaemercado.com.br/imprimir.php?pid=2341>. Acesso em: 25 de junho de 2007.

SARAMAGO, José. *Todos os Nomes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VIOLLET-LE-DUC, Eugene Emmanuel. *Restauo*. Salvador/BA, 1996.

_____. *Relatório da Comissão Organizadora do Tombo dos Próprios do Município*. Manaus: Tipografia Cá e Lá, 1922.



Este livro foi composto pela Gráfica Ziló LTDA para Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas, em Minion/kalinga no corpo 11/20 pro e impresso sobre papel offset 90g/m² em abril de 2012.

A pesar da aparência muitas vezes triste, os cemitérios, principalmente os mais antigos, escondem ricas surpresas para quem se dispõe a procurar. Alguns constituem verdadeiras galerias de arte a céu aberto, abrigando peças e esculturas de artistas famosos. Em países como a França (Père-Lachaise) e Argentina (La Recoleta) alguns cemitérios são pontos turísticos, atraindo viajantes do mundo inteiro. Isso se deve ao fato desses cemitérios abrigarem personalidades ilustres, que fizeram história nas artes ou na política.

ISBN 85-65409-21-X



9786565409216

Secretaria de
Estado de Cultura



TRABALHANDO PARA
CRIAR OPORTUNIDADES



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA